

Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 8, Número 1, Jan.-Jun., 2019

À CIDADE, DE MAILSON FURTADO VIANA
(RESENHA)



“À CIDADE”, BY MAILSON FURTADO VIANA
(REVIEW)

JÚLIO CÉZAR ALEXANDRE JÚNIOR
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 27/04/2019 • APROVADO EM 07/06/2019

Texto integral

Em novembro do ano de 2018, foi um mês foi muito significativo para a poesia brasileira. Um dos prêmios literários mais cobiçados entre os escritores brasileiros, o 60º Prêmio Jabuti, teve como vencedor nas categorias o livro do ano e poesia Mailson Furtado Viana, o qual escreveu a obra *À cidade* (2017).

A obra ganhadora do Jabuti (2018) foi produzida de forma independente pelo autor. Furtado foi quem diagramou, editou e ilustrou todo o livro, assim como,

foram com as suas outras obras: *Sortimento* (2012), *Conto a conto* (2013) e *Versos pingados* (2014).

À cidade é um marco também para essa edição do Prêmio Jabuti, pois, com os seus 60 anos de prêmios distribuídos a grandes escritores brasileiros que representaram e representam grandes editoras nacionais, o Jabuti foi entregue a um escritor independente, que não precisou financiar sua obra por meio de pequenas, médias ou grandes editoras do país. Seu nome figura ao lado de grandes nomes da literatura brasileira que foram ganhadores de prêmios passados, como: Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, Marina Colasanti, dentre outros.

Afinal, quem é Mailson Furtado Viana? Conforme mencionado anteriormente, Furtado publicou quatro obras literárias, navegando, principalmente, na proa da poesia. Ele é, além de poeta, odontólogo e diretor de teatro na Companhia Teatral Criando Arte. Mailson é do sertão. Nasceu em Cariré, em 1991, e cresceu e vive no município de Varjota, uma cidade interiorana do norte do Ceará. Na literatura, antes da premiação, era conhecido apenas na cidade onde vive. Após o Jabuti, o autor está sendo conhecido e lido a partir da publicação da obra vencedora: *À cidade* (2017). Afinal, o que é *À cidade*?

É uma obra poética dividida em quatro partes: “presente”, “pretérito”, “pretérito mais-que-perfeito” e “futuro do pretérito”. Cada parte possui apenas um poema, cujas estrofes apresentam um número aleatório de versos: ora uma estrofe apresenta seis versos; ora, dois; ora, três; ora, nove versos etc., ou seja, cada parte dessa obra não apresenta um número fixo de versos em suas estrofes. Os quatro poemas são constituídos por versos livres, ou seja, não há métricas definidas. Com relação ao tema, a obra trata, de maneira geral, de aspectos do cotidiano de uma cidade do sertão do nordeste brasileiro.

Na primeira parte d’*À cidade*, intitulada “presente”, o eu-lírico inicia a história recitando um fim de tarde em uma cidade, e tudo que nela acontece até o seu anoitecer e chegar até o amanhecer do dia seguinte. Em poucas palavras, conciso, o eu-lírico perpassa por entre ruelas desta cidade, vendo cachorros, homens sentando em bancos da praça conversando, cada uma com a sua atividade.

Nota-se que o eu-lírico observa cada detalhe do cotidiano dos moradores dessa cidade. Ao anoitecer, meninos, cachorros, homens e mulheres saem de suas casas para passar por entre as ruas. As crianças brincam. Os adultos conversam, bebem ou cochilam em bancos da praça. Anoitece, e é na madrugada que a solidão vaga por entre as ruas até o amanhecer. Cada detalhe do que acontece nessa cidade é apontada durante a leitura do poema: o acordar dos meninos, pessoas indo ao trabalho etc. Nesta primeira parte, portanto, o eu do poema nos conta como é a cidade do entardecer, passando pela madrugada até o amanhecer do dia seguinte, mostrando a rotina das personagens, que são secundárias, que estão inseridas nesta cidade, na qual é personagem principal desta obra. Em “presente”, inicia-se com um fim de tarde e se encerra com um fim de tarde do dia seguinte.

A segunda parte, intitulada “pretérito” - que também possui apenas um poema com todas as estrofes em versos livres, portanto, sem métrica - inicia-se em um outro dia na cidade. Nesta segunda parte, o eu-lírico irá relembrar partes da

sua infância, do avô, do pai, das ruas que cortam de ponta a ponta a cidade, de uma ferrovia e de um rio, o qual foi por muito tempo sustento dos moradores. O eu do poema irá relatar que seus antepassados foram também responsáveis pelo surgimento da cidade, graças ao rio e a ferrovia, esta que foi responsável por trazer os primeiros habitantes à cidade.

Nesta segunda parte da obra, o eu-lírico aparenta estar preocupado com o desaparecimento do rio, o qual é tão mencionado, pois ele foi motivo primordial para o surgimento e crescimento dessa cidade. Tal desfalecimento desse rio seria motivo também para o desaparecimento da cidade, porque é nele que tudo vive, que a cidade vive, cujos moradores tiram o seu sustento e o serve de lazer para as crianças que nadam nesse rio.

Durante a leitura do poema, também é notável a saudade do eu-lírico pela ferrovia, a qual desapareceu por conta do tempo e por conta da rodovia que chegou na cidade. Essa ferrovia durou 80 anos e, assim como o rio, trouxe vida para a cidade, prosperidade, novos moradores, cortando o sertão e até o rio no qual é tão mencionado nesta segunda parte da obra.

A terceira parte, que está intitulada como “pretérito mais-que-perfeito”, inicia com o eu do poema errante pela cidade, a vagar por entre ruas. Esse eu-lírico errante, sem identidade, comparado a um mendigo que vaga por essa mesma cidade, é apenas reconhecido por meio dos elementos que compõem essa cidade: as ruas, os pássaros, os cachorros, as árvores. Nota-se que as ruas são elementos principais da cidade. São as ruas que tornam o menino homem. São as ruas que inventam o homem que o menino deve ser. São as ruas que levam esse menino já homem a crescer dentro dessa cidade.

Ainda nesta terceira parte, o eu-lírico, além de ser um ser errante que vaga pelas ruas da cidade, torna-se homem por passar elas. Nota-se que o eu do poema retorna a primeira e a segunda parte da obra ao descrever a rotina dos moradores que vivem nessa cidade. Portanto, o eu-lírico vaga por todas as partes dessa obra como se fossem nas ruas da cidade.

Por fim, a quarta parte da obra de Furtado (2017), que está intitulada como “futuro do pretérito”, o eu-lírico narra a sua história após voltar para a cidade na qual crescera. Saudosista, esse eu-lírico nos conta nos versos deste capítulo da falta que faz dos momentos que passou na cidade e pelas ruas que passara. Ainda, nesta quarta parte, ele mostra um incômodo da cidade onde crescera, pois não é mais a mesma. O saudosismo se faz ao lembrar de como a cidade era e que deveria permanecer como tal, porém ela se mostra com um futuro incerto. Desse futuro é que se pode fazer uma alusão ao subtítulo dessa quarta parte: “futuro do pretérito”. Esse futuro tão esperado deveria ter foco na história passada para que a cidade não se desfaleça com o tempo, como foi com o que acontecera com a ferrovia.

O último capítulo dessa obra apresenta, assim como nos outros capítulos, apenas um poema, cujas estrofes não apresentam rimas. Sua versificação é livre como quem anda sem rumo pelos cantos da cidade. O eu do poema, que iniciou o seu cantar à cidade em um entardecer, encerra o seu cantar também em um

entardecer, para que a obra, ou até mesmo a cidade, permaneça em um ciclo sem fim.

De modo geral, a obra apresenta versos livres, típico do período contemporâneo da literatura brasileira, fazendo até mesmo uma retomada do período modernista brasileiro. Essa liberdade na versificação da obra também pode ser evidenciada nas andanças do eu do poema pela cidade. Além disso, é notável em algumas estrofes apresentam versos que estruturam-se com o período concretista brasileiro, pois há versos que apresentam deslocamento e até um aproveitamento dos espaços entre estrofes e versos.

Ao ler a obra *À cidade* (2017), de Mailson Furtado, é como se você tivesse conhecendo uma cidade, representada por todas as cidades do sertão nordestino, e cada rua dela por onde o eu-lírico passou. Esse eu-lírico, aparentemente, está sem rumo, pois, mesmo conhecendo a cidade, ele quer mais, ele quer conhecer cada canto, cada morador, cada criança, cada bicho da cidade, porque ela faz parte dele, da vivência dele, do cotidiano dele, ou seja, a cidade é e está no eu do poema.

Ao conhecer *À cidade*, de Furtado, nota-se uma poética nua e crua da vivência no sertão nordestino, isto é, uma linguagem direta, “seca”. O objetivo de Furtado em sua poética, em *À cidade*, não é denunciar as mazelas sociais e econômicas do Nordeste brasileiro, mas sim narrar e exaltar uma cidade e suas belezas. Por mais que saibamos dos problemas que muitos cidadãos nordestinos passam diante da seca e de todas as mazelas sociais, Furtado nos mostra que, por mais que haja todo o empecilho social, é a cidade que vive em cada cidadão e é cada cidadão que faz a sua cidade.

Referências

VIANA, Mailson Furtado. **À cidade**. Ilustração de Renancio C. Monte e Mailson Furtado Viana - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

Para citar este artigo

ALEXANDRE JÚNIOR, J. C. *À Cidade*, de Mailson Furtado Viana [Resenha]. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 1., 2019, p. 136-140.

O Autor

Júlio César Alexandre Júnior possui graduação em Letras Vernáculas e Clássicas - Habilitação: Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2011). Possui Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2014) e Especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luís - FESL (2018). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em

Literatura Brasileira, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atualmente, é graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade Cruzeiro de Sul - UNICSUL e do Curso de Direito pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR; pós-graduando em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP; e mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.